

Produção do espaço urbano a partir de processos de mobilidade: gênero, sexualidade
geração e nacionalidade em Ressano Garcia, cidade-fronteira moçambicana.¹

Yssysay Divina Rodrigues

Universidade de Brasília

Palavras-chave: fronteiras; Moçambique; mobilidades.

Este trabalho apresenta resultados preliminares de pesquisa etnográfica realizada entre junho e agosto de 2025 em Ressano Garcia, Distrito de Moamba, região sul de Moçambique, em uma das fronteiras mais movimentadas do país com a África do Sul.

No ordenamento territorial moçambicano, trata-se de um “posto administrativo”, que equivale à penúltima instância da autoridade do Estado a nível local (Inglês, 2017), e está a cerca de noventa quilômetros de distância da capital, Maputo.

Inicialmente, Ressano Garcia surge como um espaço complementar de análise dentro da minha pesquisa de doutorado, que discute trajetórias de mulheres negras falantes de Português em processos de mobilidade nas regiões metropolitanas de Maputo e de Lisboa, colocando em diálogo articulações entre raça, gênero e nacionalidade, em intersecção com outros marcadores que as atravessam.

Eu vivi em diferentes regiões de Moçambique por vários períodos desde 2010 e faço pesquisa no país desde 2013. Também já vivi na África do Sul e já cruzei de um país para o outro por aquela fronteira e por outras diversas vezes, mas nunca tinha ido até lá como pesquisadora e me aprofundado um pouco mais naquela realidade, então, sentia que precisava estabelecer interlocutores e, sobretudo, compreender um pouco melhor as relações ali estabelecidas.

Assim, no processo de mapeamento das organizações que trabalham com populações em mobilidade na região metropolitana de Maputo, durante a realização de minha pesquisa de campo de doutorado, busquei identificar também as instituições parceiras que fizessem esse trabalho na região de Ressano Garcia, e, com isso, logo cheguei ao braço da Ordem Scalabriniana estabelecido no local. Este setor da Igreja Católica, cujo trabalho eu já conhecia bem, trabalha com migrantes em todo o mundo. Desta forma, atuando profissionalmente na área desde 2017 em organizações internacionais, eu já havia conhecido irmãos e irmãs scalabrinianos de diversas nacionalidades, além de funcionários

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

seculares trabalhando em organizações ligadas a essa ordem em algumas regiões do mundo, o que também facilitou em alguma medida a minha inserção.

Em Ressano Garcia, no momento da realização dessa pesquisa, eram três freiras brasileiras a cargo dessa missão, que conheci inicialmente por contatos por meio de mensagens e, após os arranjos iniciais, pude conhecer pessoalmente nas visitas que fiz à fronteira entre junho e agosto de 2025, período em que vivi na cidade de Maputo para realização de pesquisa de campo.

Não consegui nenhum recurso além da minha bolsa de doutorado² para esta finalidade, de modo que os recursos eram limitados, o que implicou em que eu percorresse, na maioria das vezes, os quase cem quilômetros que separam as duas cidades utilizando o transporte público que a maioria da população local também utiliza, os chamados “chapas”. Em São Paulo, minha cidade natal, chamamos esse tipo de transporte de “lotação”. São vans, em que se sentam mais pessoas do que o recomendado pelo manual do veículo, impossibilitando o uso de cinto de segurança.

Nessas viagens, enquanto aguardávamos no ponto de embarque até atingirmos a lotação estimada pelo motorista para seguirmos, pude conhecer as chamadas “mukheristas”. Apesar da relativa ausência de pesquisas acadêmicas usando o termo, trata-se de uma instituição bastante conhecida e organizada em Moçambique, que consiste em mulheres que viajam periodicamente da região metropolitana de Maputo para a África do Sul para buscar mercadorias destinadas à revenda na capital e imediações. Por sua presença frequente, organizam o fluxo dos chapas, conhecem os motoristas, as negociações necessárias com autoridades policiais e alfandegárias, orientam os poucos e eventuais turistas e outros “outsiders” - como eu, por exemplo - e, de alguma maneira, coordenam, junto com os “chapeiros”, o ir e vir transfronteiriço cotidiano entre Ressano e Maputo, entre muitos sacos lotados com mercadorias diversas.

O fluxo do “mukhero”, portanto, organiza o ritmo urbano, produz esperas e disputas, e evidencia hierarquias de circulação atravessadas por gênero, raça, classe e nacionalidade. Outros atores que povoam a fronteira não se diferenciam em grande medida dos que habitam outras tantas pelas quais já passei. São vendedores, caminhoneiros e seus veículos, motoristas, autoridades diversas, pessoas em mobilidade, pedestres. Mas há ali, na fronteira de Ressano Garcia, três pontos específicos que apresentarei brevemente aqui

² Sou beneficiária de bolsa na modalidade doutorado concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) desde 2023, ano de meu ingresso no PPGAS da Universidade de Brasília.

e pretendo me aprofundar em momento posterior que fazem dela única: o Centro Scalabrini, as chamadas “crianças migrantes” e os chamados “deportados”.

O Centro Scalabrini está instalado em Ressano Garcia há mais de trinta anos como representação da missão scalabriniana da Igreja Católica, que tem como vocação o cuidado com populações migrantes e em vulnerabilidade. Além das freiras católicas, a organização conta com um amplo quadro de funcionários e voluntários moçambicanos e esporadicamente também de outras nacionalidades. Fui muito bem recebida e pude conversar com várias destas pessoas.

Em entrevista, relataram a memória do trabalho da instituição, que, ao longo do tempo, passou por momentos de intenso trabalho com moçambicanos retornados da África do Sul, com refugiados da guerra interna entre Frelimo e Renamo em Moçambique após a independência de Portugal em 1975 e que teve término em 1992, vítimas de acidentes nos Caminhos de Ferro, empresa moçambicana de transporte ferroviário, e atuação junto às crianças órfãs da SIDA, para as quais, até 2018, ofereciam abrigo permanente.

Desde 2018, o trabalho do centro foi reorganizado para funcionar como “centro-dia”, não oferecendo mais abrigo permanente e trabalhando em duas frentes principais: o trabalho junto às chamadas “crianças migrantes”, oferecendo alimentação, rodas de conversa, oferta de agentes comunitários, horta comunitária, reforço escolar, atendimento psicossocial e outras atividades de formação; e o trabalho junto aos chamados “deportados”, oferecendo alimentação, vestuário, higiene pessoal, acesso a chamadas telefônicas e apoio para transporte para a cidade de origem, bem como articulação interinstitucional com autoridades moçambicanas e sul-africanas em rede.

A atuação da organização sofreu severo impacto com o recente corte da ajuda humanitária provocado pela atual gestão do presidente estadunidense Donald Trump. Assim como em diversos contextos de ajuda humanitária ao redor do globo, o fechamento da USAID em 2025³ e a descontinuação de diversos outros fluxos de ajuda humanitária antes empreendidos pelos Estados Unidos implicou em demissões também em Ressano Garcia, e os relatos quando de minha presença no local eram de incerteza sobre o futuro.

Quanto à primeira categoria dentro do público atendido, o que se denomina localmente por “crianças migrantes” são crianças, adolescentes e jovens moçambicanos, com idades aproximadas entre os catorze e os vinte anos, oriundos de outras províncias do país que

³ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/07/02/eua-fecham-oficialmente-usaid-diz-secretario.ghtml>

saem de suas casas com o objetivo de chegar à África do Sul. Segundo o relato de uma das pessoas com quem conversei, que aqui chamaremos pelo nome fictício de Mirtes:

O desejo deles é irem para a África do Sul. O desejo é ir para a África do Sul. Mas acontece que quando chegou aqui, encontra já muitas barreiras. Segundo dizem, que é uma questão também cultural. Que as famílias empurram as crianças a saírem de casa a partir dos seus 14 anos pra... Você já é homem, você já é grande, então você tem que fazer a sua vida. (Mirtes, julho 2025)

A situação, porém, é diferente para aqueles que “já são homens” e para as meninas e mulheres. Os rapazes são visíveis nas ruas, não é difícil até mesmo para mim, notavelmente estrangeira, conversar com eles e conhecer um pouco de suas histórias. Ainda segundo o relato de Mirtes em referência ao histórico fluxo de moçambicanos para a África do Sul ligado à mineração:

Há vinte, trinta anos, os seus pais, os seus tios saíram lá das áreas recônditas deles e foram para a África do Sul para ser mineiros. Alguns conseguiram, de fato, se dar muito bem na vida. Então, os meninos e têm também esse imaginário de que a África do Sul é o El Dorado. (Mirtes, julho 2025)

Assim que chegamos na estação dos chapas em Ressano, muitos destes meninos vêm até a janela e nos seguem quando a baixamos, vendendo badjias, bolinhos fritos de origem indiana feitos a partir do que chamamos no Brasil de feijão de corda. Os relatos, porém, são de que as jornadas de trabalho são extenuantes, começando antes das seis horas da manhã e terminando depois das oito horas da noite, e que muitas dessas crianças e adolescentes são explorados.

As casas onde residem são geridas por mulheres conhecidas por “patroas”, que fazem a gestão dos produtos vendidos e muitas vezes há o que na legislação trabalhista brasileira seria enquadrado como trabalho análogo a escravidão por meio de servidão por dívida, uma vez que muitas destas crianças e adolescentes trabalham em troca de moradia e alimentação, em condições precárias e insuficientes.

Há relatos de que a grande maioria não frequenta a escola e que os pagamentos pelas vendas das badjias muitas vezes não são feitos ou são feitos com descontos, alegadamente em nome das dívidas relativas à moradia e alimentação. Muitos desses casos acabam em

tentativas de denúncias policiais e/ou violência física contra os meninos. Os poucos que tentam alguma forma de denúncia contra a exploração acabam sofrendo represálias, muitas vezes contando com o envolvimento de toda a comunidade e até de autoridades.

Por se tratar de uma comunidade pequena, há questões de segurança também para pessoas que tentem denunciar essas situações, na medida em que todos se conhecem e há muitas dessas casas chefiadas por “patroas” e em que trabalham seus respectivos “seguranças” e outros funcionários em que há laços de amizade ou até familiares com essas pessoas, ou ainda com as autoridades policiais e outras autoridades fronteiriças, compondo um cenário complexo de tensões em Ressano Garcia.

O contexto se complexifica ainda mais quando entra em cena a nuance do gênero feminino dessas chamadas “crianças migrantes”, uma vez que, para as meninas, o destino muitas vezes é a exploração sexual. Não consegui conversar com nenhuma menina ou mulher explorada, já que sabidamente se trata de tema de caráter mais privado e cercado de tabus morais nas sociedades ao redor do globo, porém, segundo os relatos, embora seja um tema do qual ninguém quer falar abertamente, “todo mundo sabe” que existe exploração sexual de meninas e mulheres na cidade-fronteira, e o movimento de mais de mil e quinhentos caminhões por dia é também impulsionado por isso.

O trabalho com o grupo de meninas no Centro Scalabrini é no sentido de combater a evasão escolar, oferecer formações profissionais diversas, impulsionar a coesão comunitária, entre outras ações que, entre muitos impactos positivos, fortalecem as meninas no sentido de tentar evitar que sejam vítimas de exploração.

Há relatos também de mulheres que, quando atingem a maioridade, após já terem sido inseridas no trabalho sexual no contexto de exploração em Ressano Garcia, mudam-se para Komatipoort, pequena cidade do lado sul-africano no caminho para o famoso parque de safari Kruger Park e frequentada por homens de nacionalidades diversas e com poder aquisitivo para seguir na prostituição.

Ao todo, o Centro Scalabrini acompanha cerca de 450 “crianças migrantes” em Ressano Garcia, entre meninos e meninas.

Uma frente de trabalho relacionada importante também citada é o chamado Grupo de Referência, um grupo transnacional, envolvendo organizações governamentais, não governamentais e intergovernamentais de Moçambique, África do Sul e Essuatini, ainda comumente referida como Suazilândia em campo, voltado para trabalhar em articulação questões ligadas ao tráfico de pessoas. Refere-se que o grupo é formado por organizações das Nações Unidas como a OIM, grandes ONGs como a Save the Children, e

organizações governamentais dos vários países, como Polícias, Procuradorias, entre outros órgãos diversos.

O que se observa, portanto, é um tabuleiro em que estão em jogo gênero, geração, sexualidade e poder, em um cotidiano em que convivem temas tão complexos quanto exploração laboral e sexual em um aparente fluxo transfronteiriço corriqueiro de pessoas e mercadorias.

Anne McClintock (2010) aborda o uso da noção de “terra virgem” na literatura colonial e utiliza como exemplo o mapa de Henry Haggard, escritor vitoriano, para as minas do Rei Salomão. Para a autora:

No mapa de Haggard, as minas de diamante são simultaneamente o lugar da sexualidade feminina (reprodução por gênero), a fonte do tesouro (produção econômica) e o lugar da disputa imperial (diferença racial) [...] Aqui, gênero não é só uma questão de sexualidade, mas também uma questão de subordinação do trabalho e pilhagem imperial; raça não é só uma questão de cor da pele, mas também uma questão de força de trabalho, incubada pelo gênero. (McClintock, 2010, p. 19 e 20).

De forma semelhante, os corpos de mulheres, meninas e crianças negras deslocadas em situação de precariedade representam aqui o lócus da analogia entre corpo e território pela via da dominação em uma situação de continuidade de exercício de poder de tipo colonial. Embora esse poder seja exercido não por um Outro externo, estrangeiro, branco, mas sim por um Outro que não só é moçambicano, mas está representado por mulheres negras na figura das “patroas”, é possível apontar essa analogia na medida em que o poder colonial se reproduz a partir da possibilidade criada pelo contexto fronteiriço criado pelo estabelecimento colonial e artificial da linha que separa naquele ponto arbitrário os territórios contemporâneos de África do Sul e Moçambique, suportados pelas autoridades nos diversos níveis destas localidades em suas presenças e também ausências que permitem as sucessivas violações de direitos a que estão submetidas as pessoas envolvidas, bem como pelas estruturas sistêmicas patriarcais, machistas, racistas e de exploração infantil que permitem histórica e socialmente que este tipo de engrenagem rode. Assim, não são as “patroas” em si que estão exercendo poder colonial, mas sim reproduzindo, como peças neste mecanismo mais amplo, uma dinâmica de dominação cujas condições de possibilidade foram historicamente produzidas pelo colonialismo e continuam a ser reproduzidas no contexto contemporâneo.

O terceiro ator que compõe de maneira importante o cenário fronteiriço em Ressano Garcia está representado pelos chamados “deportados”. Trata-se de moçambicanos, em sua maioria homens jovens, que cruzaram para a África do Sul de maneira irregular e, no país vizinho, foram interceptados pelas autoridades, acabando por serem detidos em instituições como o Centro de Repatriação Lindela (Lindela Holding Facility). Conhecida como “Lindela”, é uma instalação gerida pelo governo sul-africano, situada na província de Gauteng, a cerca de noventa quilômetros de Johannesburg e pouco menos de quinhentos quilômetros de Ressano Garcia, destinada à detenção de imigrantes em situação irregular na África do Sul. Questionado internacionalmente por organizações de defesa dos direitos humanos e dos direitos dos migrantes⁴, o centro de detenção é objeto de relatos traumáticos por parte dos moçambicanos deportados que retornam ao país de origem.

Segundo os relatos que ouvi, houve períodos anteriores à pandemia de COVID 19 em que chegavam ônibus enviados pelas autoridades sul-africanas trazendo até quinhentas pessoas em alguns dias. Os ônibus param na fronteira e os “deportados” descem somente com seus pertences pessoais, muitas vezes sem contato com familiares há vários anos. Nesses dias, o Centro Scalabrini faz seus atendimentos com apoio na higiene, alimentação e comunicação com a famílias, bem como apoio para passagem para as províncias de origem em Moçambique.

Durante a pandemia, as fronteiras com a África do Sul ficaram fechadas oficialmente, interrompendo este fluxo de ônibus. Porém, desde a reabertura, o fluxo foi reiniciado, e atualmente, relatou-se a chegada mais esporádica e menores quantidades de “deportados”, seguindo o mesmo procedimento anterior, chegando em ônibus conduzidos por autoridades sul-africanas que os deixam na fronteira, onde descem e recebem estes primeiros atendimentos.

A presença provisória dessas pessoas na cidade reinscreve a fronteira como espaço de suspensão e precariedade. Alguns deles passam dias perambulando no local, algumas vezes em situação de rua, possivelmente lidando com a frustração do retorno. É possível pensar que muitos desses jovens compõem a juventude que trata Alcinda Honwana em “O tempo da Juventude” (2013), quando trabalhou justamente com jovens em Moçambique e na África do Sul que buscavam na cidade “forjar novas formas de vida libertas dos constrangimentos da sociedade rural” (Honwana, 2013, p. xii), fugindo

⁴ <https://www.hrw.org/report/1998/03/01/prohibited-persons/abuse-undocumented-migrants-asylum-seekers-and-refugees-south>.

daquilo que a autora chama de “waithood”. Agora de volta a Moçambique, passado o vórtice da pandemia, cujo fundo ainda desconhecemos a profundidade completamente, e o trauma de centros de detenção como Lindela, que tipo de impactos estar em Ressano Garcia sozinho trazem para um jovem do Niassa, ou da Zâmbia, por exemplo (províncias mais ao interior de Moçambique)?

E aqui cabe também pensar brevemente na relação entre estes retornos, a questão geracional e o projeto de nação moçambicano. Porque se estamos tratando de rapazes de vinte a trinta anos, estamos falando pessoas nascidas a partir de 1995, ou seja, pessoas que não se recordam sequer do conflito interno, muito menos da guerra de independência. As demandas desta juventude são muito diferentes das de seus pais e avós, ex-combatentes, frelimistas, cujos vínculos ideológicos com os atores postos no cenário político moçambicano eram outros.

Essa defasagem na atualização de um projeto de país que englobe a juventude, inclusive, vem sendo associada em vários países africanos à eclosão de protestos violentos, como foi o caso, em 2024 e 2025, de Moçambique e Angola.

Sobre o caso moçambicano, Sara Morais (2024), por exemplo, opta pela chave analítica que parte dos festivais de música realizados após a independência do país, discutindo o projeto de nação em Moçambique tanto a partir da perspectiva do Estado quanto da cultura popular. Ela argumenta que a Frelimo optou pelo disciplinamento da população também por meio do campo cultural, priorizando a representação da pretensa nova “moçambicanidade” em detrimento das particularidades que representavam as diversidades, o que se expressava no conhecido slogan do período “matar a tribo para nascer a nação”. A juventude contemporânea, diversa, identificada com um novo múltiplo e tão distante do “homem novo” marxista, vem expressando sua contrariedade à continuidade das mazelas sociais, concentração de renda e corrupção sob um discurso ideológico de modos que têm se traduzido, muitas vezes, em violência.

Ressano Garcia foi um dos palcos dessa revolta em 2024, que se seguiu às eleições presidenciais de outubro, em que a Frelimo foi uma vez mais reeleita, sob acusações de fraude e convivendo com a presença da figura de um líder com grande expressividade junto à juventude, Venâncio Mondlane, reivindicado como verdadeiro vencedor.

Os relatos da violência em Ressano somam-se às cicatrizes materiais inscritas na paisagem urbana, ainda visíveis, resultantes da destruição. Diversos prédios públicos foram queimados. Foram incendiadas ainda as residências de autoridades, que seguem em ruínas. Os relatos da época foram de pânico, mas o que se ouviu eram que nada

aconteceria ao Centro, nem à rádio comunitária local, nem às igrejas, e de fato estes locais se mantiveram em segurança, ilustrando o direcionamento do descontentamento da população.

Para além das marcas deste importante acontecimento histórico recente, Ressano Garcia também vem sendo impactada por outro fator que vem tornando Moçambique um dos protagonistas na agenda de prospecção de recursos para ajuda humanitária ligada às mudanças climáticas: as cheias frequentes. A principal estrada de acesso à fronteira vem sendo objeto de alagamentos importantes, muitas vezes impossibilitando a passagem de veículos, tornando Ressano manchete nos veículos de comunicação dos dois países.

O que pude observar, portanto, é que, longe de representar somente um espaço complementar de observação para os assuntos que discuto em minha tese de doutorado, Ressano Garcia é um universo rico em relacionidades que produzem um espaço em que estão imbricados marcadores da dominação (Venancio, 2024, p. 18) como gênero, geração, sexualidade e nacionalidade, estabelecendo relações de poder que costuram uma territorialidade marcada por dinâmicas sociais dificilmente contestadas, ainda que a partir de consensos internos de inadequação. Por outro lado, foi possível observar também como, mesmo em contextos de violação de direitos, estes sujeitos manejam e agenciam situações e redes de apoio precárias a fim de seguir com suas vidas e construir caminhos possíveis.

Para além disso, foi possível observar que alguns dos mais importantes episódios históricos recentes, como a crise pós-eleitoral e os efeitos das mudanças climáticas vêm sendo sentidos com grande relevância nesta cidade-fronteira, alçando Ressano Garcia a uma posição de destaque no cenário nacional e aumentando o interesse sobre a cidade – durante a minha estadia, por exemplo, outros dois pesquisadores estavam tentando agendar visitas ao Centro Scalabrini.

Cabe, ainda, reforçar que este exercício é um compilado inicial de impressões de campo, apontando de maneira preliminar para alguns caminhos possíveis de diálogos teóricos no corpo do texto e nas referências bibliográficas. Pretendo aprofundar este debate para possível publicação futura em paralelo aos temas que debaterei na tese, e, nesse sentido, contribuições são bem-vindas.

Trago, por fim, algumas imagens a seguir, da cidade-fronteira de Ressano Garcia.



Centro Sacalabrini, Julho 2025



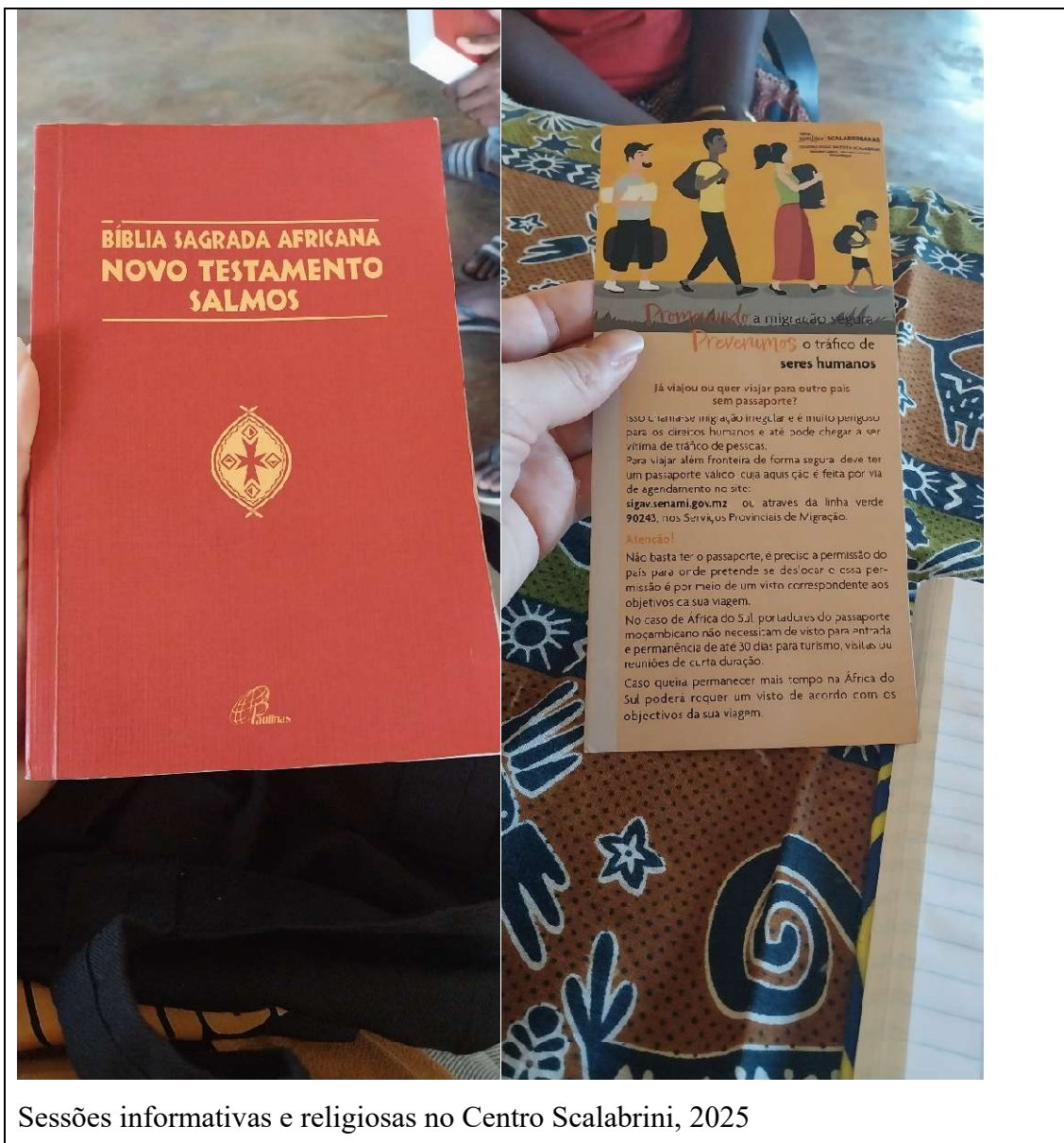
Ressano Garcia, Julho 2025



Ressano Garcia, Julho 2025



Embarque de Mukheristas e cartazes na estação de chapas, 2025



Sessões informativas e religiosas no Centro Scalabrini, 2025

Referências Bibliográficas

BARREAU-TRAN, Léa. *Economic Emergence of Women and the Negotiation of Gender Relations in Mozambique: the career paths of three mukheristas from Maputo*. *Afrique Contemporaine*, Paris, n. 244, p. 120-121, 2012

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Vidas precárias: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HERNÁNDEZ CASTILLO, Rosalva Aída. Geografias Racializadas y la “Guerra contra el Narco”: Violencia de género, militarización y criminalización de los pueblos indígenas en México. In: Bastos, Santiago; Sierra, María Teresa (coords.) *Pueblos indígenas y Estado en México, la disputa por la justicia y el derecho*. Colección México-CIESAS, 2017

HONWANA, Alcinda. 2013. *O tempo da juventude: emprego, política e mudanças sociais em África*. Maputo: Kapicua Livros e Multimídia Lda.

HUMAN RIGHTS WATCH. *Prohibited persons: abuse of undocumented migrants, asylum-seekers, and refugees in South Africa*. New York: Human Rights Watch, 1998. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/1998/03/01/prohibited-persons/abuse-undocumented-migrants-asylum-seekers-and-refugees-south>. Acesso em: 1 jun. 2026.

INGLÊS, Paulo. Uma fronteira com fronteiras: notas de trabalho de campo na Fronteira de Ressano Garcia, Moçambique. In: *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 25, n. 51, p. 199-204, dez. 2017.

McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MORAIS, Sara. *O palco e o mato: o lugar das timbila no projeto de construção da nação em Moçambique*. Brasília: Aba Publicações, Rio de Janeiro, Telha: 2024.

REDAÇÃO G1. *EUA fecham oficialmente USAID, diz secretário*. 2 jul. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/07/02/eua-fecham-oficialmente-usaid-diz-secretario.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2026.

VENANCIO, V. Nu bem djobi vida li: mobilidades, pertencimentos e tensões da antinegitude na vida de mulheres da África continental residentes na capital cabo-verdiana. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.